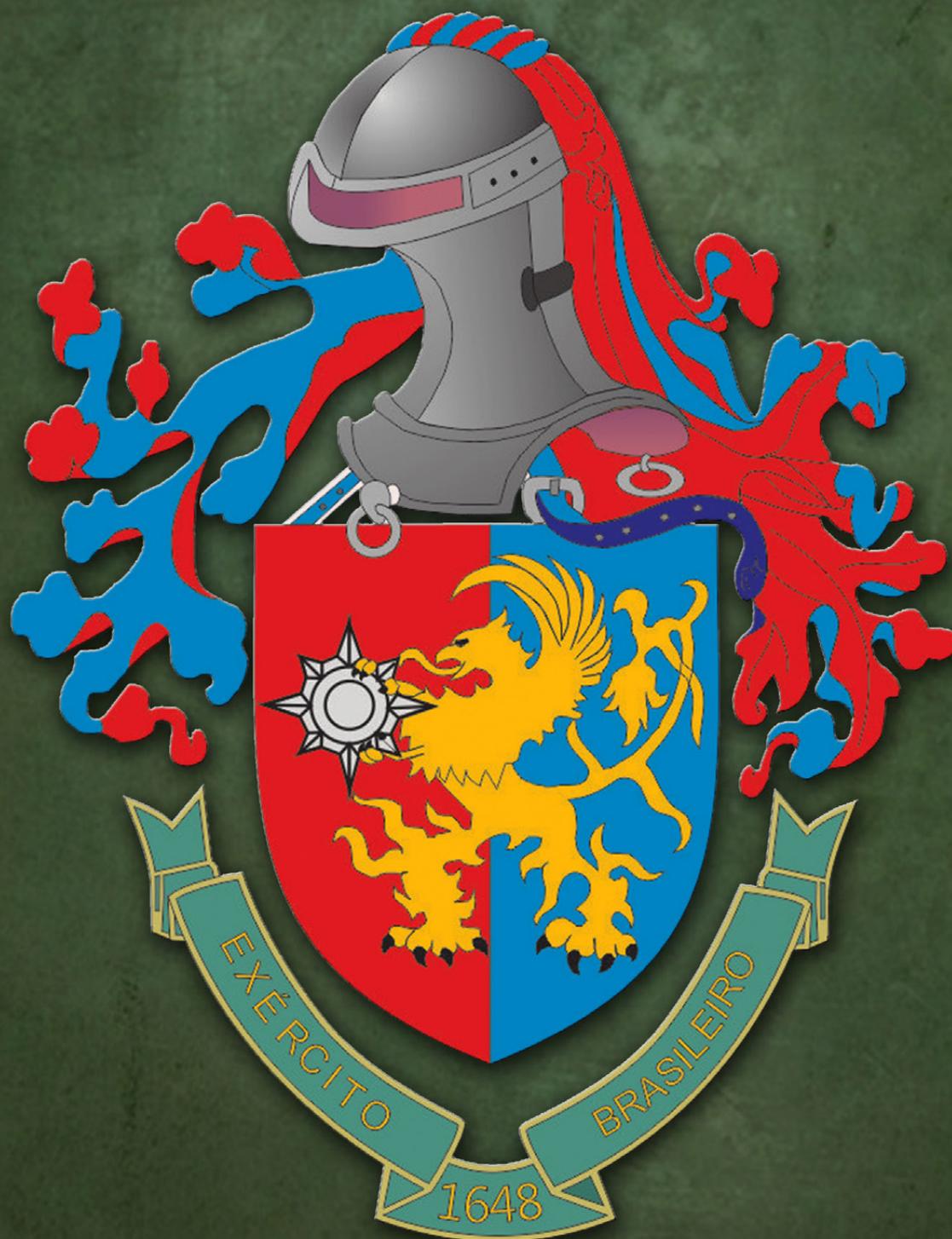


O Tuiuti



BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2014 / Nº 108



Heráldica Militar



O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN

Fabricio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS

acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos das duas entidades, bem como da História Militar e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado no informativo está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor.



EDITORIAL

Neste número do Informativo da AHIMTB/RS prestigiamos a participação de um confrade residente em Resende, Estado do Rio de Janeiro. Ele nos descreve a Heráldica Militar, assunto que no Brasil deveria ser melhor tratado, posto que, na área militar, traduz o que existe de bom no que se refere às tradições, tão caras entre nós. O Cel Paiva Filho nos mostra muito bem tudo isso.

E o trabalho de divulgação da História Militar continua, em que pesem as restrições orçamentárias. O site da AHIMTB/RS está no ar já há alguns dias e já tem mostrado um bom volume de acessos e de tráfego.

Na visitação às biografias de militares e civis que se destacaram nas diversas fases da História do Brasil trazemos o cearense General Tertuliano Albuquerque Potiguara, figura de grande destaque na Revolta da Vacina, na Revolta do Contestado, na participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial e na Revolução Paulista de 1924, além de outras passagens da vida nacional.

Prosseguimos, portanto. Este Informativo chega até Portugal, onde a FAHIMTB possui uma Delegacia, sediada em Lisboa, na figura do Dr. Rui Vargas. O efeito multiplicador é também evidente, o que é motivo de agradecimento aos recipiendários, o que a Presidência agora o faz.

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 HERÁLDICA MILITAR

por Cel João da Costa Paiva Filho

Interessantes aspectos da simbologia militar, com um estudo de origens, formas, cores e disposição.

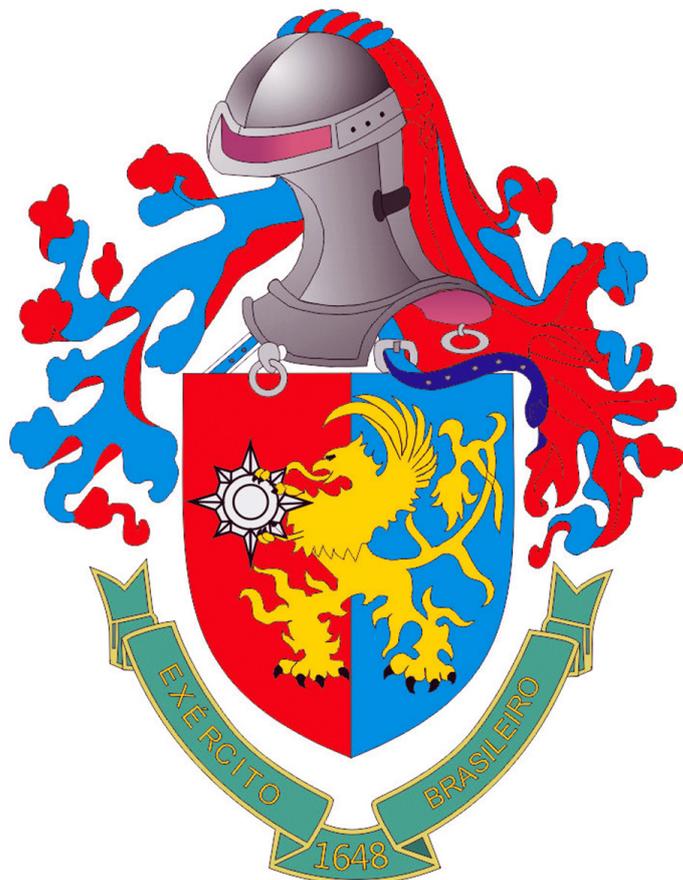
12 TERTULIANO POTIGUARA

por Rogério Rosa Rodrigues

Combateu a Revolta Paulista de 1924, foi Deputado pelo Ceará. A 5ª Brigada de Cavalaria Blindada tem o seu nome.

15 NOVIDADES

A AHIMTB/RS comunica sobre o recebimento de CD-ROM, lançamento de livros e fala sobre a Cruzada Albigense.



4



12



15





Heráldica Militar

Cel João da Costa Paiva Filho

I – INTRODUÇÃO

Desde a mais remota era os homens utilizavam cores e símbolos variados para identificação de pessoas, lugares e aspectos ligados à nobreza e ao militarismo.

A heráldica, ou armaria, compondo esta tendência é a ciência que estuda os brasões e estabelece as normas e preceitos a que se subordinam a confecção e o uso de escudos de armas por qualquer entidade.

No decorrer da Idade Média, por ocasião das Cruzadas, os cavaleiros e seus partidários enfrentavam seus oponentes cobertos por armaduras e elmos, sendo necessário criar uma forma de identificação que evitasse confronto entre aliados.

Por convenção, foram criados escudos com desenhos característicos de cada contenda, sendo que cada símbolo adotado identificava determinado cavaleiro, seus pertences e montarias, servindo até mesmo para identificar os mortos e feridos em combate.

A palavra heráldica origina-se de "heralds" (mensageiro, anunciador), designativo dos oficiais encarregados pelos senhores feudais para comporem seus brasões e para servirem como arautos dos feitos e da bravura de seus patrões e chefes militares.

"FORAM CRIADOS ESCUDOS COM DESENHOS CARACTERÍSTICOS DE CADA CONTENDA. CADA SÍMBOLO IDENTIFICAVA UM CAVALEIRO."

Com o passar dos tempos, feudos e condados adotaram os brasões de seus senhores como símbolos locais e, por conseguinte, passaram a representar cidades, províncias e entidades militares.

Na atualidade, países, estados, municípios, universidades, organizações civis, nobreza e principalmente as unidades militares utilizam como símbolos os mais variados tipos de brasões.

II – DESENVOLVIMENTO

A. Conceitos Básicos

Lei da iluminura - não pode juntar-se metal com metal e cor com cor; pode, todavia, juntar-se pele com pele, pele com metal e pele com cor;

Lei das proporções - a base do campo do escudo é o quadrado. As peças, os móveis e as figuras, consoantes ao seu número, relacionam-se com a superfície do campo do escudo, na proporção

de um quarto ou de um sexto da largura deste. As peças podem reduzir-se a metade da sua largura e, então, recebem designações diferentes;

Lei da estilização - dentro do campo do estudo as figuras nunca podem apresentar-se na sua forma naturalista. Têm de beneficiar sempre de uma estilização que ajude a encher e a decorar o campo.

Termos comumente utilizados em heráldica:

- abismo = centro geométrico do brasão.

- adamascado = florações decorativas incluídas nas figuras.
- animais = mais comuns: leão e águia, representam a própria característica acreditada a cada animal. Pode ser incluída qualquer espécie com determinado significado, para comporem os brasões. Deve-se considerar a posição em que são desenhados.

- armorial = livro registro dos brasões.

- brasão (ou escudo) = conjunto de peças, figuras e ornamentos disposto sobre o campo do próprio escudo ou fora dele, representativos de uma pessoa ou entidade.

- castelo e torre = representam baluartes defensivos e residências dos nobres.

- cruz = representam a divindade, símbolo maior dos cruzados.

- divisa = conjunto de dizeres sob o brasão, contendo normalmente legendas morais ou denominações toponímicas.

- elmo = capacete utilizado pelos cavaleiros feudais e representativo do grau de nobreza de seu portador. Normalmente são incluídos acima e fora dos escudos.

- escudetes = pequenos escudos, inseridos no brasão principal.

- figuras quiméricas = grifo, unicórnio, dragão, centauro, harpéa, sereia, pégaso, quimera, etc. compõem as representações relativas a mitos e lendas. Podem também aparecer figuras humanas e geográficas.

- flor-de-lis = representa características familiares, poder e soberania.

- heraldo = oficial que nos torneios e justa era encarregado de divulgar o espetáculo, como também pela etiqueta e protocolo, apresentando os cavaleiros por meio de seus escudos.

- metais e esmaltes = cores que integram os brasões (metais: ouro/amarelo e prata/branco – esmaltes: vermelho, azul, verde, púrpura e pre-

to). Cada cor tem simbolismo próprio, exprimindo virtudes, idéias ou sentimentos.

- paquife = espécie de penacho pendente dos elmos.

- peninsular = forma básica do escudo, terminado em arco.

- quartel = cada uma das quatro divisões de um escudo.

- suportes = figuras que sustentam os escudos, se forem humanas são denominadas de tenentes.

B. Composição dos Brasões

A confecção de um brasão obedece a regras bem definidas pela heráldica, sendo comum acrescentar um elmo com paquife, ou uma coroa com acessórios.

Cada brasão é partido internamente em nove partes, com o posicionamento das figuras considerando a destra (direita) ou a sinistra (esquerda),

definidas em relação à frente do cavaleiro que o conduz.

Quanto à forma pode variar de acordo com a época, o material e o local onde foi criado. Não há um padrão universal, cada país adota o tipo que mais se identifica com sua própria história.

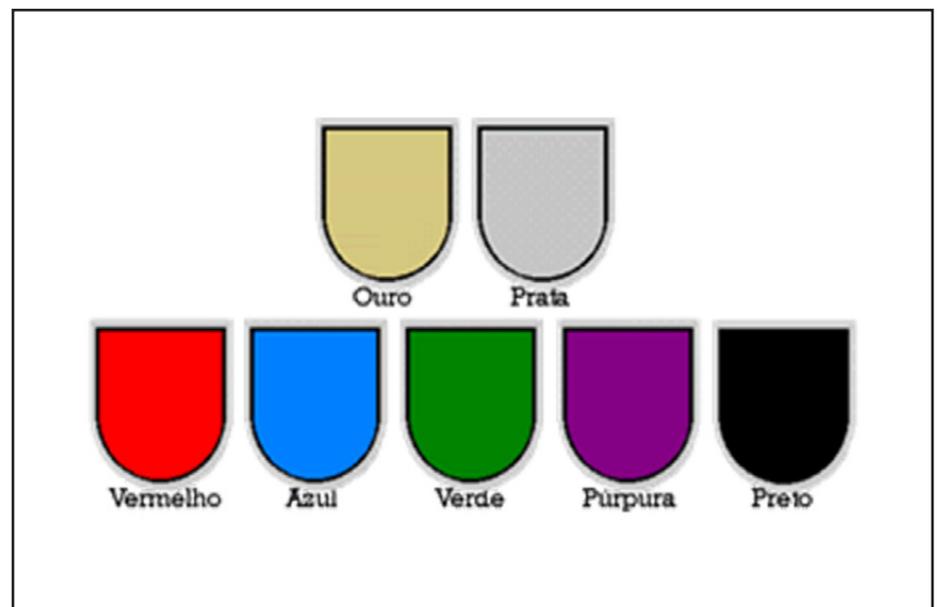
A parte superior, denominada chefe, é a principal e mais nobre, onde devem ser inseridas as figuras principais.

No interior dos brasões compondo as figuras, aparecem as palas, faixas, bandas e bordas.

Heráldica Militar

Este ramo se confunde com a heráldica real, especialmente quando se observa a composição dos mais remotos brasões militares, os quais se apropriaram de símbolos e modelos usados por comandantes do período medieval.

METAIS E ESMALTES v





^ PELES

Praticamente em todos os exércitos do mundo, encontramos brasões das organizações militares, muitos dos quais utilizam a simbologia de nobres e heróis que tiveram destaque em combate.

No Exército Brasileiro, com a finalidade de padronização do tipo e das representações contidas nos brasões das Organizações Militares (Distintivos de OM), foi adotado como padrão o escudo peninsular ou português, com uma faixa sobre o chefe, nas cores azul e vermelho, distintivas da Força Terrestre Brasileira onde se inscreve a abreviatura do nome da Unidade Brasileira.

Nos brasões das Organizações Militares que possuem denominação histórica é incluído sobre o centro do brasão a representação da personalidade, do feito heróico ou do local que se deseja distinguir. A estas Organizações também é concedido um estandarte histórico.

As demais OM possuem em seus distintivos o símbolo da especialidade, arma, quadro ou serviço, com o designativo numérico que as identifica.

As cores heráldicas do Exército representam: o azul (ou safira) é indicativo de nobreza, majestade e serenidade,

necessários ao serviço de estado; o vermelho (ou rubi) significa intrepidez e seus portadores, por dever de ofício, se obrigam a defender o país, os injustiçados e os oprimidos.

C. Brasões Militares do Exército Brasileiro

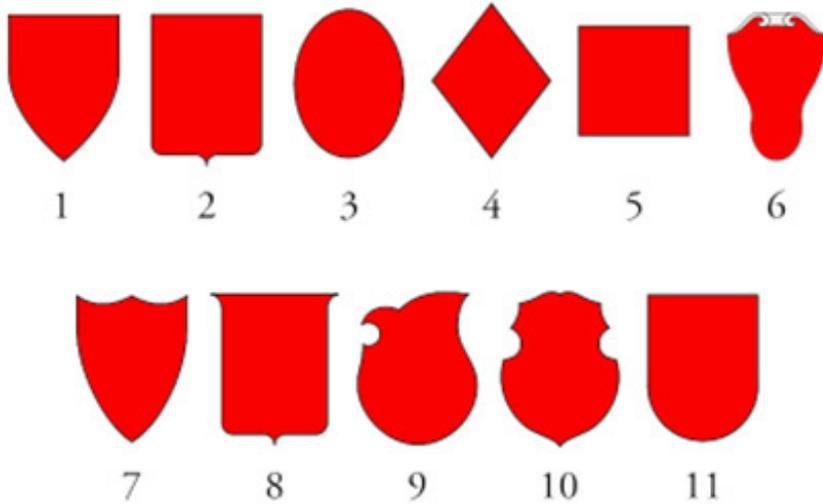
A seguir são descritos alguns dos principais brasões adotados pelo nosso Exército, bem como o símbolo que identifica nossa Força Terrestre, este muitas vezes confundido com o próprio brasão.

BRASÃO DE ARMAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Descrição Heráldica



"Brasão de Armas - Escudo clássico português partido de vermelho e azul, tendo em brocante um grifo de ouro, animado, lampassado e armado de preto, seguran-



1. Escudo clássico ou francês antigo
2. Escudo francês moderno, somático ou samnítico
3. Escudo oval ou do clero
4. Escudo em losango, feminino ou lisonja
5. Escudo de torneio ou de bandeira
6. Escudo italiano ou de cabeça de cavalo
7. Escudo suíço
8. Escudo inglês
9. Escudo alemão
10. Escudo polaco
11. Escudo espanhol, ibérico, peninsular, português ou flamengo

do nas garras uma estrela de oito pontas de prata, simbolizando: a figura mitológica do grifo, a vigilância e a guarda na defesa da Pátria e da lei, e a estrela de oito pontas, a necessidade de se agir em todos os pontos cardeais, em busca da união; o elmo, simbolizando o militar, de prata e forrado de púrpura, a três quartos para destra com correia azul, paquife e virol de azul e vermelho. Tem por insígnia, num listel de verde, ondulado, sotoposto ao escudo em letras de ouro: Exército Brasileiro - 1648."

(Dec. 94.336, de 15/05/87, alterado pelo Dec. 1.531, de 22 de junho de 1995)

BRASÃO DE ARMAS DO DUQUE DE CAXIAS

Descrição Heráldica

Escudo francês, partido em dois traços, cortado de um:

I - as armas de Silva: de argent (prata), um leão rompante, de purpure (púrpura), armado de blau (azul), por diferença uma brica com um farpão, de sable (preto);

II - as armas de Fonseca: de jalde (ouro), cinco estrelas de cinco pontas, de goles (vermelho), postas em aspa;



III - as armas de Lima: de jalde (ouro), com quatro palas de goles (vermelho);

IV - as armas de Brandão: de blau (azul), cinco brandões, de

jalde (ouro) e de goles (vermelho), postos em aspa;

V - as armas de Soromenho: de goles (vermelho), uma pereira, de sinople (verde), frutada de argent (prata), entre um crescente e uma flor-de-lis, ambos de jalde (ouro);

VI - as armas de Silveira: de argent (prata), três faixas, de goles (vermelho).

Elmo gradeado, de argent (prata), a três quartos para a destra.

Paquife e Virol de jalde (ouro), goles (vermelho), purpure (púrpura), argent (prata), blau (azul) e sinople (verde).

Coronel de Duque.

BRASÃO DE ARMAS DA AMAN

Descrição Heráldica

"Escudo orlando de azul, tendo em campo de ouro o perfil

estilizado das Agulhas Negras do Itatiaia, carregado de um castelo de ouro; em suporte, lanças e espingardas em riste e um canhão posto horizontalmente por trás do terço

(Dec Nr 20.438, de 24 Set 1931)

BRASÃO DE ARMAS DA EsSA

Descrição Heráldica

Escudo peninsular português filetado de ouro, campo branco, chefe em faixas, nas cores heráldicas do Exército, azul e vermelho, tendo inscrito a designação do Estabelecimento de Ensino em ouro, em abismo, um escudo modelo po-

lônio na cor verde, filetado de ouro, superposto ao motivo central do estandarte histórico, formado por uma quader-na partida em azul e vermelho, filetado de prata, representa a formação profissional dos praças, tendo ao centro uma estrela gironada de prata, representa os Estabelecimentos de Ensino.

(Informação baseada na IG 11-01, baixada pela Portaria Nr 580, Capítulo IV do Artigo 1º e Anexo "D", de 25 de outubro de 1999)



inferior do escudo, além de ramos de carvalho com folhagens de sua cor; abaixo do escudo, sobre as coronhas das espingardas e lanças, um fitão de ouro, com o dístico 'AGULHAS NEGRAS' de azul."

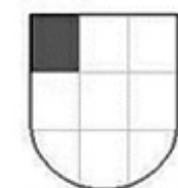


SÍMBOLO DO EXÉRCITO

Descrição Heráldica

"Escudo de três elipses concêntricas, filetadas, na cor dourada. A elipse central é de cor azul e contém o Cruzeiro do Sul na cor prateada. O es-

Composição dos Brasões



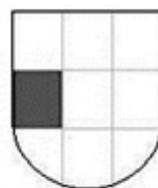
Cantão dextro do Chefe



Chefe



Cantão sinistro do Chefe



Flanco direito ou dextro



Flanco esquerdo ou sinistro



Coração ou Abismo



Cantão dextro da Ponta



Ponta



Cantão sinistro da Ponta



paço entre as elipses central e média é de cor amarela e entre a média e a externa, verde. Um resplendor formado por vinte lâminas envolve o escudo. Sob o escudo, seguindo o seu eixo vertical, um sabre deixa aparecer o punho e a ponta. O resplendor e o sabre são também na cor prateada."

III – CONCLUSÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar noções básicas sobre heráldica, em especial a que estuda o ramo militar, visando despertar o interesse e incentivar a pesquisa histórica sobre este vasto assunto, e também, esclarecer algumas dúvidas sobre a composição de alguns dos principais brasões e distintivos em uso pelo Exército Brasileiro, de forma a manter a tradições de nossa Força Terrestre.

BIBLIOGRAFIA:

- Notas do Acadêmico e Delegado da FAHIMTB em Portugal Rui Santos Vargas, Delegado da Delegacia D. João VI

- Arquivo da FAHIMTB e AHIMTB/Resende Marechal Mário Travassos na AMAN

- Centro de Documentação e Arquivo Histórico do Exército Brasileiro;

- Artigo "Introdução e Histórico sobre Heráldica", Jorge Luiz Pavan Cappellano – Cel, publicado na Revista Pedagógica 2003 da EsPCEX;

- Pequeno Dicionário de Termos Heráldicos, baseado no Livro "Armorial Lusitano", de Afonso Eduardo Martins Zúquete /Portugal;

- Artigo "Saiba mais sobre Heráldica", da Heráldica Pelotense : www.heraldica.com.br e;

- Site: www.brasões.com/index.php.

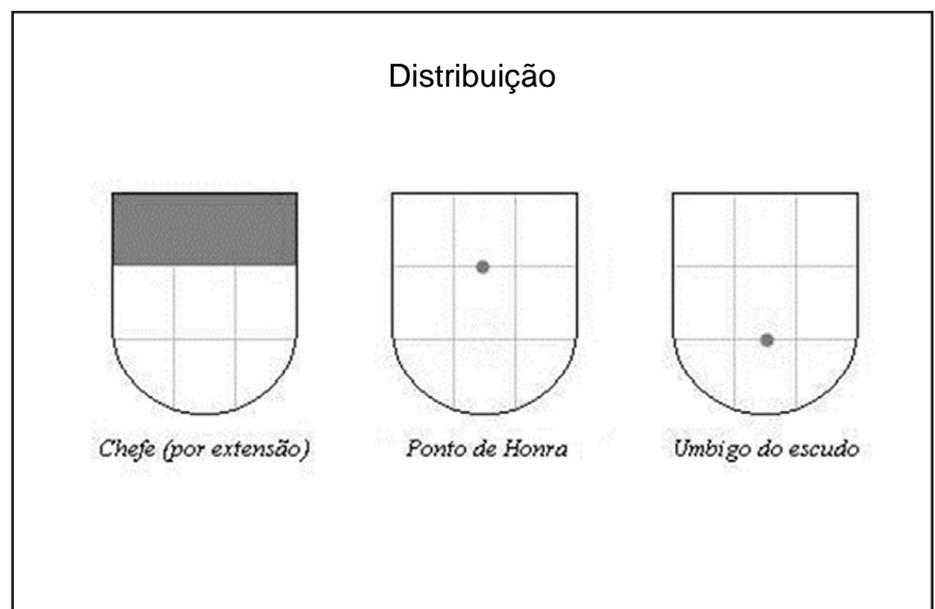
O Brasão atual da AHIMTB é uma evolução do brasão original da AHIMTB e por nós idealizado em 1996, ano da criação da AHIMTB, em 1º Março de 1996, no aniversário do término da Guerra do Paraguai e início do ensino militar acadêmico na AMAN.

Brasão que evoluiu para o da FAHIMTB, Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, criada em 23 de Abril de 2011, no Bicentenário da AMAN, inicialmente com as quatro seguintes AHIMTB federadas:

- No Distrito Federal a AHIMTB/DF Marechal José Pessoa;

- A AHIMTB/Resende - Marechal Mário Travassos;

- A AHIMTB/RJ - Marechal João Batista de Mattos;



- a AHIMTB/RS – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara; e

- a criada, em Sorocaba - São Paulo, a AHIMTB/SP - General Bertoldo Klinger, em 28 de maio de 2013, no ano do Centenário da Revista A Defesa Nacional, da qual Bertoldo



Klinger foi um dos seus mais destacados fundadores e colaboradores.

No brasão, aparece em seu interior, em fundo azul, o mapa do Brasil e sobre ele o livro de História Militar Terrestre do Brasil que desenvolve a História das Forças Terrestres do Brasil (Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares). E sobre o livro a invicta espada do Duque de Caxias, de seis campanhas, na qual ele conduziu o Exército do Brasil à Vitória, uma das razões de sua consagração como Pa-

trono do Exército do Brasil. E também o patrono da FAHIMTB e AHIMTB federadas por seus pioneirismos:

- 1º - Ao proceder uma análise crítica pioneira, ou hoje uma Análise pós-Ação (APA) da Batalha do Passo do Rosário, à luz de Fundamentos da Arte e Ciência Militar, a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual era Sócio Honorário.

- 2º - Ao adaptar, em 1861, como Ministro da Guerra e Chefe do Gabinete de Ministros, a Doutrina Militar de Portugal, às realidades operacionais sul-americanas que ele vivenciara em cinco campanhas vitoriosas em que comandara o Exército do Brasil, e arrematou dizendo “até que nosso Exército dispusesse de uma Tática (Doutrina Militar) genuína”.

O Brasão da AHIMTB, hoje no interior da AMAN, na sede da

FAHIMTB, foi pintado pelo falecido acadêmico Cel Professor Geraldo Levasseur França, artista plástico com diversas obras em Resende e Itatiaia. Os brasões das AHIMTB federadas são o da FAHIMTB trazendo embaixo os seguintes dizeres:

AHIMTB - DF
Marechal Jose Pessoa.

AHIMTB - Resende
Marechal Mário Travassos

AHIMTB - RJ
Marechal João Batista de Matos

AHIMTB/RS
Academia General Rinaldo Pereira da Câmara.

AHIMTB - SP
General Bertoldo Klinger



SOBRE O AUTOR

O Acadêmico **João da Costa Paiva Filho** é Coronel da Infantaria e ocupa orgulhosamente a Cadeira especial da FAHIMTB dedicada ao combatente da Guarda Nacional, pioneiro do tradicionalismo Gaúcho e historiador militar Capitão João Simões Neto. Graduou-se na AMAN, onde recebeu o Título de Bacharel em Ciências Militares. É Mestre em Aplicações Militares e Doutor em Aplicações, Planejamento e Estudos Militares.

Tertuliano de Albuquerque Potiguara

Tertuliano de Albuquerque Potiguara (Sobral, 27 de abril de 1873 - Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1957) foi oficial do Exército Brasileiro, patrono da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada.

Filho de Antonio Domingos da Silva, português de nascimento e de Rosa Cândida de Albuquerque, nasceu na Serra da Meruoca, então pertencente ao território do município de Sobral. Estudou na antiga Escola Militar do Ceará, em Fortaleza, servindo depois na Infantaria, em 1889, no Rio de Janeiro. Foi promovido a alferes em 3 de novembro de 1894, 1º tenente em 6 de junho de 1907 e a capitão em 7 de abril de 1909. Era amigo pessoal de Floriano Peixoto. Serviu na Brigada Policial da Capital Federal no posto de major, de 1910 a 1914. Foi figura polêmica e de destaque nas Revolta da Vacina e na Guerra do Contestado. Com a entrada do Brasil na I Guerra Mundial no final de 1917, em 1918 o país enviou à França uma missão militar preparatória, da qual participou, tendo alcançado o posto de tenente-coronel por atos de bravura praticados em batalha, em outubro daquele ano. Em 8 de julho de 1921 foi promovido a coronel por merecimento; a General-de-brigada em 20 de janeiro de 1923 e finalmente General-de-divisão em 6 de novembro de 1926.

Sempre do lado legalista, combateu a Revolta Paulista de 1924, comandando a Brigada Potiguara sob ordens do General Eduardo Socrates, lutando contra os tenentes rebelados do Exército e da Força Pública de São Paulo, liderando a repressão no bairro da Mooca. Em 1932, ao lado dos tenentes contra os quais havia lutado 8 anos antes, combateu contra a oligarquia paulista que promovia uma Revolta Constitucionalista.

Foi eleito deputado federal pelo Ceará na Primeira República. Ao receber pelo correio uma encomenda, sofreu um atentado ao explodir uma dinamite, arrancando-lhe um braço. Morreu no Rio de Janeiro.



Em 31 de outubro de 1974, uma rua de Fortaleza foi batizada com o seu nome, assim como a 5ª Brigada de Cavalaria Blindada, unidade do Exército Brasileiro sediada em Ponta Grossa.

A 5ª Brigada de Cavalaria Blindada (5ª Bda C Bld), também conhecida como Brigada General Tertuliano de Albuquerque Potyguara, é uma das Brigadas Militares de Área do Brasil. Sua sede localiza-se em Ponta Grossa, no Paraná. É administrado pela 5ª Divisão de Exército, com sede em Curitiba (Paraná).

Alguns fatos da Cronologia de Tertuliano Potyguara na Guerra do Contestado

Março de 1915 - Coluna Leste - O capitão Tertuliano Potyguara no comando de quinhentos soldados, dois oficiais e um piquete de vaqueano percorre as cercanias de vila de Itaiópolis. Como não obteve sucesso, improvisa acampamento na vila.

Março de 1915 - Coluna Oeste - a frente do capitão Tertuliano Albuquerque Potyguara, no comando de quinhentos soldados, dois oficiais e um piquete de vaqueano legalista destroi e incendeia os redutos de Ignácio Lima, Aleixo Lima, Maria Rosa, Tamanduá e Traição.

Abril de 1915 - A frente do capitão Potyguara, dois oficiais e um piquete de vaqueano legalista, destroi e incendeia o reduto Traição, Faxinal, Reinhardt. No reduto Caçador



têm um ferrenho combate com os pares de França e vários piquetes de jagunços, mas enfim assume o reduto e também o incendeia. A líder Maria Rosa resolve abandonar reduto de Perdizinhas, buscando proteção em Santa Maria.

Abril de 1915 - A frente do capitão Potyguara confronta-se com os jagunços, forçando-os a abandonar o reduto Perdizinhas, refugiando-se em Santa Maria. O capitão ordena a seus soldados incendiar o reduto, seguindo para Santa Maria.

Abril de 1915 - Potyguara envia Carneirinho a intimar os líderes a depor as armas e a se entregar, onde seriam tratados como prisioneiros de guerra. Do contrário, deveriam liberar os doentes, mulheres, velhos e as crianças, evitando assim muitas mortes desnecessárias. A frente do capitão Potyguara entra no reduto de Santa Maria no sentido oeste e encontra-o completamente abandonado. Adeodato e os seus piquetes atacam de surpresa, pegando as tropas num fogo cruzado. O capitão envia um mensageiro a frente do

coronel Estillac Leal, requisitando tropas de apoio. Diante da demora do reforço militar, a sua frente tem dezenas de baixas, pela primeira vez se encontra numa situação desesperadora. Mas enfim chega o reforço, assim fazendo que Adeodato e os seus piquetes debandarem desordenadamente. Em consequência da demora do reforço, os dois oficiais no comando discutem violentamente, mas são contidos pelos outros oficiais. Após, o coronel ordena para que incendeiem o reduto, retornando a vila de Canoinhas.

“Se do estudo dos atuais acontecimentos resultar alguma lição proveitosa, bendito seja o sangue que vai correr”. Assim o tenente Francisco de Paula Cidade encerrava sua análise sobre o conflito do Contestado, em pleno andamento quando seu artigo foi publicado, na revista A defesa nacional, no dia 14 de outubro de 1914.

A frase expressa bem a percepção dos militares sobre o papel da história no desenvolvimento da corporação. O sacrifício de alguns é justificado se estiver a serviço de uma causa maior. Neste caso, a causa maior era pensada em dois planos: a nação ficaria livre dos “fanáticos” rebeldes, e o Exército sairia fortalecido se soubesse usar essa experiência a seu favor.

No cenário internacional, vivia-se a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). As questões

militares estavam em evidência, e o ambiente era favorável a propostas de modernização das Forças Armadas. Mas a própria composição das tropas no Contestado era um exemplo de como estávamos distantes das novidades técnicas e estratégicas em vigor na Europa. Ao lado de oficiais experientes, alguns treinados na Alemanha, havia jovens totalmente despreparados, participando pela primeira vez de uma operação de confronto direto. Entre os praças, a situação era especialmente dramática. Uma parcela considerável foi recrutada de última hora. Não conhecia as condições físicas e climáticas da região conflituosa, tampouco o tipo de inimigo que combateria. Herói contestado

O capitão Tertuliano de Albuquerque Potiguara (1873-1957) foi responsável pela derubada de um dos principais bastiões de defesa sertaneja: a vila rebelde de Santa Maria, em Santa Catarina. Considerado o maior herói militar do Contestado, ele escreveu: Depois de 11 dias de marcha, sendo oito de combates dias e noites, tomei e arrasei 13 redutos com sacrifícios enormes do meu heroico destacamento. Matamos em combate a fogo e arma branca perto de seiscentos jagunços, não contando o grande número de feridos que se iam arrastando por dentro das matas virgens

e quase intransitáveis. Arrasei perto de cinco mil casas, dez igrejas e inúmeros ranchos de palha, tendo apreendido grande número de armas e munição de guerra.

Sua fama foi consagrada pela atuação no Contestado, como se verifica no culto que o Exército lhe concede até hoje. Mas sua gesta guerreira não se restringe ao combate aos guerreiros de João Maria. Parte de sua fama viria de episódios posteriores ao conflito. Em 1918, o major Potiguara atuou na Primeira Guerra Mundial junto às forças francesas no ataque a St. Quentin, feito que lhe garantiu elogios oficiais do governo francês pela bravura e empenho. Foi condecorado com a Cruz de Guerra e Palma e promovido a tenente-coronel.

Em 1918, o boletim interno do Exército chegou a citá-lo como “oficial muito enérgico e muito distinto que pediu para servir em corpo de elite”. Ainda segundo o boletim, Potiguara fez parte, voluntariamente, de um batalhão de ataque e foi ferido no dia 2 de outubro de 1918.

Em 1922, sua atuação no Contestado foi criticada em um duelo verbal entre tenentes e a alta oficialidade no Clube Militar do Rio de Janeiro. Ao lembrar a guerra, o tenente Asdrúbal Gwaier de Azevedo o acusou de, em parceria com Setembrino de Carvalho,

sacrificar a vida de soldados em uma operação suicida e de preferir fuzilar os inimigos a fazê-los prisioneiros. Nada que manchasse sua reputação, uma vez que foi eleito deputado federal pelo Ceará (1926), atingiu os mais altos postos da hierarquia militar e foi homenageado com nome de rua em Fortaleza (1974): ainda participou de ação contra os revoltosos da ofensiva Tenentista em agosto de 1924 em São Paulo. No mesmo mês, perdeu o braço esquerdo em atentado no Quartel-General da Brigada. Em 1926, foi promovido ao posto de general de divisão e atuou na Revolta Constitucionalista (1932). Até hoje é celebrado como herói nas escolas de formação de oficiais do Exército brasileiro.

•
Contribuição de Rogério Rosa Rodrigues. Material retirado do site da 5ª Bda C Bld – Ponta Grossa, PR.

Rogério Rosa Rodrigues é professor da Universidade do Estado de Santa Catarina e autor da tese “Veredas de um grande sertão: A guerra do Contestado e a modernização do exército brasileiro” (UFRJ, 2008).

•

Novidades

CD-ROM Fortalezas

A AHIMTB/RS recebeu, através do acadêmico Cel Antônio Augusto Vianna de Souza, o qual recebeu através do Cel BMRS Elson Augusto de Abreu Barisch, o CD Rom FORTALEZAS MULTIMÍDIA, contendo as defesas do RS e de SC durante o século XVIII.

O Projeto trabalha também com os sites: www.fortalezasmultimidia.com.br e www.fortalezas.org

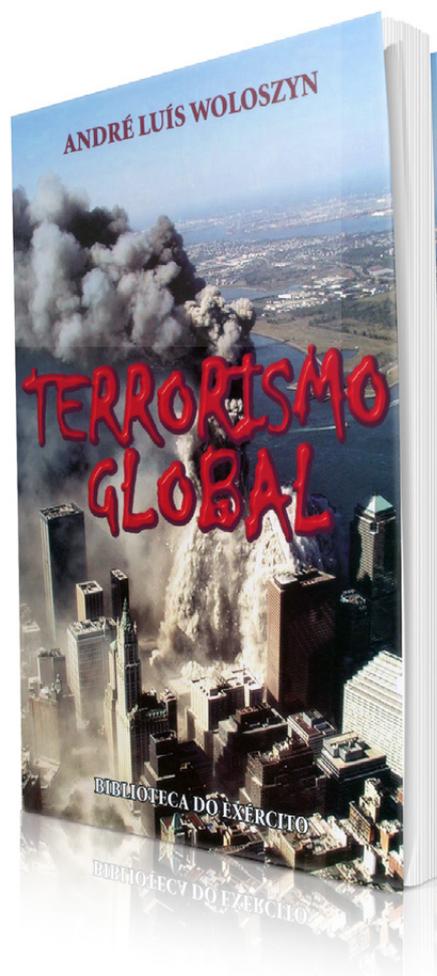
O CD Rom está à disposição dos interessados na biblioteca da AHIMTB/RS junto ao Museu do CMPA.

Ten Cel Woloszyn Lança Livro pela Bibliex

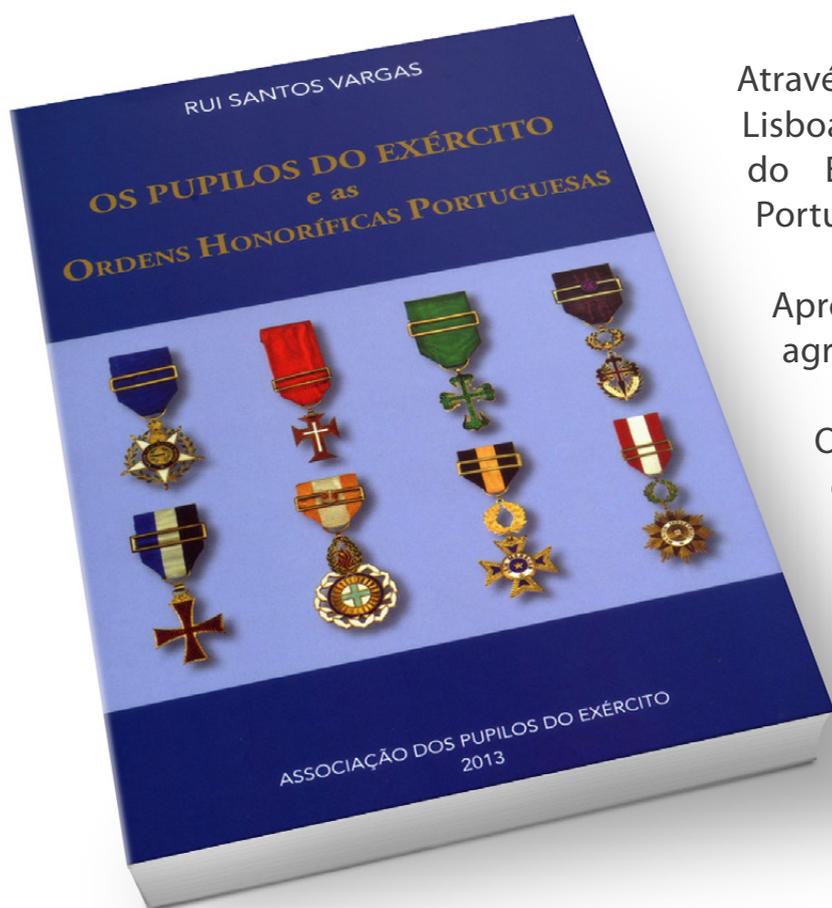
O acadêmico Ten Cel BMRS André Luís Woloszyn obteve recentemente a publicação pela BIBLIEx da obra de sua lavra "Terrorismo Global". Conforme o texto das abas, o trabalho do Ten Cel Woloszyn é uma obra inédita por apresentar análises e abordar a operacionalidade do terrorismo desde os grupos surgidos entre a década de 1960 até o advento dos radicais islâmicos que deram início ao chamado 'novo terrorismo'.

O livro está à venda nas livrarias e no site da BIBLIEx www.bibliex.com.br.

Contatos com o autor pelo e-mail alwi.war@gmail.com.



Ordens Honoríficas



Através do nosso Correspondente em Lisboa recebemos o livro "Os Pupilos do EXército e as Ordens Honoríficas Portuguesas".

Aproveitamos a oportunidade para agradecer ao Dr. Rui Santos Vargas.

O próprio título já fornece uma ideia do excelente conteúdo do livro, o qual está à disposição dos interessados na nossa biblioteca no CMPA.

Você Sabe o Que é Cruzada Albigense?

A Cruzada dos Cátaros e Albigenses trata de uma tragédia agonizante que perdurou por séculos em uma das regiões mais agradáveis da França, cuja história medieval é como a elaborada arte do mosaico, colorida e trabalhada de forma atrativa, mas, quando observada fixamente, apresenta-nos a imagem do diabo medieval. O terror começou em 1209, quando o papa Inocêncio III ordenou uma cruzada contra os hereges obstinados, conhecidos como cátaros, os puros, pois estes acreditavam em dois deuses, um espiritual e bom, e o outro terreno e mau, além do que negavam a realidade física da crucificação de Cristo. Em virtude disso, a Igreja Católica declarou um anátema, exigindo a exterminação dos descrentes. A partir daí, instaurou-se a Cruzada Albigense, na região de Albi, Languedoc, França, o que propiciou aos historiadores relatos de matanças, batalhas e brutalidades. Essa barbárie pode ser contada por meio dos registros da história de cidades e vilas como Béziers, Rennes-le-Château, Lavaur, Toulouse, Montségur, Montailhou e Villerouge-Termenès. Este processo histórico-religioso tem a lamentar os tristes lugares onde tantas pessoas inocentes tiveram suas vidas exterminadas pela Santa Inquisição.

Fonte: descrição do livro: BURL, Audrey. Hereges de Deus - A Cruzada dos Cátaros e Albigenses. São Paulo: Madras, 2005.

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e

- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page View**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, o informativo será exibido na forma projetada.

Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibir Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha.

Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço www.nucleomilitar.com



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

